

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM  
Departamento de Teoria Literária

COLEÇÃO REMATE DE MALES 2

REBATE DE PARES

Campinas  
1981

**INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**Coordenador de Publicações: João Wanderley Geraldi**

**Departamento de Teoria Literária**

**Caixa Postal 6045**

**13100 - Campinas - SP - Brasil**

**PEDE-SE PERMUTA**

**Coleção Remate de Males nº 2**

**Rebate de Pares**

**Organização e edição de texto**

**Berta Waldman**

**Iumna Maria Simon**

**Transcrição de fitas**

**Bárbara Heller (coordenação)**

**Ana Maria Domingues de Oliveira**

**Carlos Eduardo Capella**

**Márcia Grizzi Roggeri**

**Verônica Paternost**

**Datilografia: João Alexandre**



## APRESENTAÇÃO

Revista literária vinculada a departamento de letras tem o seu rosto marcado: é o veículo de pesquisas acadêmicas de contornos definidos, ou pode ser o lugar onde se registram fenômenos em processo. Pouco ortodoxos, concedemo-nos o privilégio do livre trânsito.

Neste número da "Coleção Remate de Males", o rebate é de pares: críticos de um lado, poetas de outro. A poesia é o tema. Por quê? Como há muito não acontecia, os últimos anos da década de 70 presenciaram o surgimento de experiências poéticas as mais variadas e vivas. Acompanhando as manifestações políticas que marcaram esta segunda fase da ditadura no país, a poesia buscou um espaço múltiplo de atuação e se fez presente em passeatas, concentrações, happenings, leituras coletivas, cartazes, panfletos, grafites, etc. Proliferaram grupos reunidos em torno de propostas comuns, novas formas de produção, edição e distribuição, imprensas marginais, num contraponto alternativo ao mercado editorial que, de sua vez, também se expandiu muito quanto à publicação de textos poéticos em livros, revistas, coletâneas, jornais, etc. Como sempre, vem, a reboque, o comentário jornalístico, a crítica de rodapé, a crítica acadêmica, e as discussões em torno

do fato novo. Daí este número da revista, que se propõe como um veículo que recorta e registra o que pode.

O clássico recurso à mesa redonda foi o modo encontrado para reunir alguns poetas que dissessem seus poemas, seus projetos, o que pensam da poesia e da crítica. E alguns críticos, ligados à Universidade, que expusessem e discutissem suas idéias mais recentes a respeito da poesia. Faltaram muitos, é claro. Dificuldades geográficas, econômicas, problemas de trabalho, de horário, impossibilidades de contacto, e outros lances que ficam por conta do acaso.

Alguém poderá dizer que os poetas participantes são poucos diante da multiplicidade de experiências que se vêm realizando. É certo. O recorte não chega sequer a dar conta da produção poética de São Paulo, mas comparecem tendências e projetos bem diferenciados dos circuitos alternativos ou marginais. Matéria fluida, difícil de classificar ou definir, como submetê-la aos critérios consagrados de avaliação? Como fugir ao fato de, a um tempo como o nosso, corresponder uma poesia desgarrada como essa? Como reconhecer-se nela? Por onde resvalam os padrões poéticos, ancoradouros de nossa identidade? Estas e outras questões se colocam.

Poderão ainda dizer que não estão aqui presentes todas as linhas de abordagem teórica e crítica da poesia.

É certo. Mas o recorte recobre uma boa parcela da melhor reflexão que se faz hoje sobre poesia na Universidade.

Enfim, se é uma boa amostragem, se o recorte é significativo, fica agora por conta do leitor. De qualquer modo, o confronto da produção poética e da reflexão crítica atuais resulta em matéria viva que focaliza questões relevantes para uma compreensão, ainda que parcial, de uma história que se está fazendo.

Apresentamos o material.

Campinas, setembro de 1.980

Berta Waldman

Iumna Maria Simon

